

## **Como formar alunos leitores numa sociedade líquida frente às Novas Tecnologias de Ensino e o constante uso das redes sociais digitais?**

**Por Josiele Rosa Motta Sampaio  
Psicopedagoga**

### **I-Introdução:**

Este projeto objetiva compreender por meio da Cognição e Linguagem como as crianças e jovens desenvolvem o gosto pela leitura e quais ações são possíveis para utilizar novas tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver o hábito da leitura desde a infância numa sociedade que está inserida em um mundo de redes sociais digitais.

Tal estudo faz-se necessário porque nos tempos líquidos em que vivemos, as redes sociais digitais fazem parte do cotidiano de muitos indivíduos desde a infância e com as abreviações permitidas na rede on-line, a linguagem e a escrita de crianças, jovens e adultos, direcionam-se para um campo informal, que afasta de muitos a qualidade cognitiva ao elaborar um texto.

Para Bauman (2007), os tempos são “líquidos” porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar para sempre, para ser “sólido”.

“Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada ou

seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida. (BAUMAN,2007).”

A maneira efêmera das mudanças ocorridas na sociedade, reflete na vida de todos. Os avanços tecnológicos não param e o ensino deve acompanhá-los de forma rápida para que a nossa educação alcance o nível exigido pelas organizações que estão conectados por relações em rede e compartilham valores e objetivos comuns, através da conexão com o mundo, utilizando a modernidade das redes sociais digitais.

A leitura está presente em tudo ao nosso redor, mas será que é possível filtrar esse conteúdo para que haja qualidade no que será lido?

As Novas Tecnologias de Ensino são ferramentas que facilitam a aprendizagem e podem ser grandes aliadas dentro da sala de aula. Passou-se o tempo em que dentro de uma sala, era preciso somente sentar-se e ouvir o que o professor tinha a dizer. Atualmente, é preciso que haja a realização de tarefas com maior autonomia e atratividade, e que se construa o conhecimento de forma de forma mais segura e propícia à aprendizagem, tanto no contexto social, quanto no contexto familiar. Esse feito se dá diante do hábito à leitura no contexto de mundo globalizado.

Estamos na era digital, e para isso, faz-se necessário ter foco na leitura com um olhar atencioso para um ensino com diretrizes apontadas para as mudanças do mundo globalizado. Isso impõe e nos oferece uma autonomia na aprendizagem. As transformações que afetam a educação provocam uma inquietação constante sobre os rumos da inovação pedagógica e, para isso, é preciso conhecer e utilizar tecnologias de aprendizagem adaptativas, makerpaces, gamificação, ambientes colaborativos e aprendizado por competências.

Estamos no século XXI e está mais do que na hora de diluir a ideia de que temos a escola do século XIX e o professor do século XX. Mas como podemos fazer isso? Temos que começar por onde?

Muitos professores que atuam nas redes públicas e privadas de nosso país, após a sua formação não perpetuam o hábito da leitura. O professor, atuante em qualquer área que seja, primeiramente, precisa gostar de ler.

Considerando o ensino ofertado no Brasil, a Base Nacional Curricular Comum (2017), na terceira versão revista, destaca como direitos e competências de aprendizagem:

“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BNCC, 2017)

Como defender em uma sala de aula que é preciso fazer leituras construtivas e de qualidade se o próprio professor na maioria das vezes não tem o gosto pela leitura após a sua formação?

É preciso buscar estratégias para tornar cada um de nossos alunos habilidosos para atuarem no século presente, formar cidadãos com comportamento para lidar com um mundo complexo e em constante mudança.

É necessário instigar as pessoas para que sejam capazes de resolver problemas, tomar decisões conscientes e pensar de forma criativa, colaborativa e inovadora.

Diante dessa perspectiva de inovação na era digital, e ainda considerando as mudanças tecnológicas que ocorrem a todo o momento, o uso das redes sociais digitais poderá ser um grande aliado no ambiente colaborativo para a educação.

Atualmente, temos em nossas mãos laboratórios de informática móveis, pois a tecnologia dispõe em smartphones e tablets recursos que antes eram obtidos somente em computadores de mesa; mas agora podemos levá-los a qualquer lugar.

IV - Revisão de Literatura:

O constante uso das redes sociais digitais é nítido nas gerações encontradas atualmente na sociedade. É preciso compreender e utilizar as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa e ética.

Convivemos com os jovens que nasceram em uma época na qual as tecnologias digitais já eram uma realidade. Temos ainda, as crianças que nasceram na época da junção de tecnologias e a disposição de aplicativos, jogos e programas computadorizados que cabem em smartphones e a exposição a essa tecnologia, concederia a essas gerações talentos e características inéditas, e educadores nascidos em outras épocas deveriam se adaptar para continuar ensinando com sucesso.

Desta forma, Prensky reforça que:

“Os Nativos Digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. Eles preferem os seus gráficos antes do texto ao invés do oposto. Eles preferem acesso aleatório (como hipertexto). Eles trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos. Eles têm sucesso com gratificações instantâneas e recompensas frequentes. Eles preferem jogos a trabalho “sério”. (PRENSKY, 2001, p.3)”.

Convivemos com uma geração denominada Nativa Digital que consegue operar aparelhos antes mesmo de ler os manuais, que consegue fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo e também dar atenção a gráficos, hipertextos e coisas mais lúdicas, antes mesmo de ler o conteúdo explícito ou programado. Essa geração utiliza as linguagens verbais, verbo-visual, multimodal e artística através das redes sociais digitais.

Sobre este feito, Sampaio (2000) reforça que:

“A preocupação com o impacto que as mudanças tecnológicas podem causar no processo de ensino-aprendizagem impõe a área da educação a tomada de posição entre tentar compreender as transformações do

mundo, produzir o conhecimento pedagógico sobre ele auxiliar o homem a ser sujeito da tecnologia, ou simplesmente dar as costas para a atual realidade da nossa sociedade baseada na informação (SAMPAIO e LEITE, 2000, op cit SANTOS, 2012, p. 9).”

O pensamento das pessoas evolui de acordo com os avanços da sociedade. As tecnologias trouxeram uma abertura para a comunicação de forma mais sincrética e líquida. As opiniões podem ser compartilhadas via as redes sociais digitais, e ao mesmo tempo, informações e modo de pensar de muitos podem ser aclamados ou questionados por outros indivíduos desconhecidos.

O ato de escrever tornou-se mais prático ao digitar, por outro lado, passou-se a adequar uma linguagem informal ao escrever na rede on-line.

Lévy, (1998) aponta que:

“O mundo contemporâneo, através dos artefatos tecnológicos, possibilita um mergulho num espaço pluricultural, percebido artificialmente através de imagens armazenadas em um computador (uma memória) e/ou disponível na rede. Este caleidoscópio universal que permite a visão de inúmeras informações e conhecimentos compartilhados, entretanto, suscita um olhar mais desprendido, mais abstrato, e assim desencadeia um pensamento mais superficial. Essa difusão em massa sustenta-se numa dimensão transcendental. “Lê-se na tela a marca de uma combinatória mecânica, de um jogo muito complicado, automático e sem olhar. Como é talvez o jogo do mundo” (LÉVY, 1998, p. 53).”

Desde a chegada dos primeiros computadores às escolas básicas, na década de 1980, a perspectiva de uma transformação radical no cotidiano pedagógico está no horizonte dos professores brasileiros. Simultaneamente, ocorreu um avanço nas formas tradicionais de ensino, daí, surgiu também a necessidade de se articular o uso das tecnologias ao processo pedagógico de

ensino-aprendizagem. É como se algo sempre estivesse para acontecer. Quase quatro décadas se passaram, desde então, e o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação ainda está longe do cenário futurístico que por vezes se previu. A escola ainda tenta aprender como utilizar a tecnologia a serviço de uma educação realmente transformadora.

É necessário criar oportunidades autênticas de aprendizagem. Muitos especialistas chamam a atenção para a necessidade de colocar os alunos em contato com problemas e situações do mundo real, e não uma aproximação apenas aparente com a realidade.

Corroborando com esta ideia, Bauman (2007) aponta que:

“A sociedade de consumo tem por base a premissa de satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pode realizar ou sonhar. A promessa de satisfação, no entanto, só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado; o que é mais importante, enquanto houver uma suspeita de que o desejo não foi plena e totalmente satisfeito (BAUMAN, 2007, p. 106).”

Vivemos um momento no qual o consumo é muito valorizado como consequência da comunicação exposta pelas mídias. As transformações que afetam a educação provocam uma inquietação constante sobre os rumos da inovação pedagógica. Para tomar decisões de curto, médio e longo prazo, os gestores escolares precisam conhecer os possíveis cenários. Os professores, por sua vez, veem-se às voltas com um turbilhão de novas propostas. Para onde apontam as mudanças? Entre tantas possibilidades, alguns especialistas apostam em movimentos que se tornam cada vez mais claros.

Sander (2007), destaca que:

[...] “o campo educacional foi alvo de permanentes pressões conjunturais, provenientes dos processos de abertura democrática, das lutas sindicais, dos movimentos sociais e dos primeiros influxos neoliberais da mundialização da economia e de toda a atividade humana (SANDER, 2007, p.61).”

Sob este aspecto, vem surgindo novo modelo de educação, a educação por competências. A mudança contínua da economia, da política e do mercado de trabalho exige que o conhecimento esteja, desde a educação regular, mobilizado para o desenvolvimento de habilidades que vão de encontro à realidade do indivíduo e da sociedade. Mais recentemente, a ideia de competência passou a incorporar também um conjunto de atitudes e comportamentos humanos, como a cooperação, a persistência diante do fracasso e a capacidade de adiar desejos e suportar frustrações.

Segundo Paro (1996), é preciso ter participação coletiva:

“A luta pela participação coletiva e pela superação dos condicionantes deve compor um só processo, de modo que avanços em um dos campos levem a avanços no outro, de forma contínua e independente (PARO, 1996, p.27).”

Para que a aprendizagem seja significativa, sabemos que é necessário que o aluno se envolva intelectualmente com aquilo que está aprendendo: deve querer saber mais, ver sentido naquilo que está aprendendo, experimentar e antever oportunidades de uso, ter a sensação que está crescendo, que “pode mais”. E tudo isso, acontece através do coletivo, em vias de “mão dupla” entre professor, alunos e demais companheiros da classe. Encontrar o conjunto de atividades e o nível de desafio que leve a isso dentro de uma sala de aula, para todos os alunos, é uma arte. E assim, em diversos campos é possível seguir com a leitura de forma contínua e independente.

Sancho(1998), destaca que:

“O ritmo acelerado de inovações tecnológicas exige um sistema educacional capaz de estimular nos estudantes o interesse pela aprendizagem. E que esse interesse diante de novos conhecimentos e técnicas seja mantido ao longo da sua vida profissional, que, provavelmente, tenderá a se realizar em áreas diversas de uma atividade produtiva cada vez mais sujeita ao impacto das novas tecnologias.”  
(SANCHO, 1998, p. 41)

Os professores precisam e devem acompanhar o ritmo acelerado das inovações tecnológicas e atualmente, o uso de recursos como os Ambientes

Virtuais de Aprendizagem em práticas educativas vem ganhado espaço em muitas instituições de ensino. Geralmente, têm o objetivo de conhecer os alunos e sua linguagem como recurso didático-metodológico. A inserção dessas ferramentas em nosso fazer pedagógico possibilita a intervenção e mediação no trabalho que o aluno desenvolve, bem como a descoberta de novos espaços relacionados ao processo de socialização dos jovens, que pode ser na rede on-line, e ainda influenciar a escrita deles, para que possam optar pela qualidade ao escrever.

Veiga (2007), ressalta a importância da troca de saberes:

“É preciso evoluir para se progredir, e a aplicação da informática desenvolve os assuntos com metodologia alternativa, o que muitas vezes auxilia o processo de aprendizagem. O papel então dos professores não é apenas o de transmitir informações, é o de facilitador, mediador da construção do conhecimento. Então, o computador passa a ser o “aliado” do professor na aprendizagem, propiciando transformações no ambiente de aprender e questionando as formas de ensinar.”  
(VEIGA apud MORAN, 2007, p.2).

Uma construção permanente acontece quando um aluno tem parte ativa na construção de seu próprio conhecimento, e um professor que não trabalha apenas como um transmissor de saberes, mas sim compartilha o que sabe e aprende o que ensina. São estas as premissas básicas de um enfoque construtivista em educação. Apoiadas neste enfoque, as práticas escolares têm muito a ganhar. Ao unir teoria e prática, ganhamos uma compreensão mais ampla sobre o que fazemos e refletimos constantemente para construir uma educação melhor.

Almeida (2000), ressalta o planejamento frente às tecnologias:

Nós, educadores, temos de nos preparar e preparar nossos alunos para enfrentar exigências desta nova tecnologia, e de todas que estão a sua volta - A TV, o vídeo, a telefonia celular. A informática aplicada à



educação tem dimensões mais profundas que não aparecem a primeira vista. (ALMEIDA, 2000, p.78).

Uma sociedade cada vez mais globalizada institui a necessidade do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação de modo cada vez mais eficaz. O uso em sala de aula, de forma integrada à prática educativa é visto como possibilidade de aproximar o educador da geração de alunos que está presente nas escolas de hoje, além de tornar a aprendizagem mais rica e atrativa aos mesmos.

A introdução dessas ferramentas torna os conteúdos escolares mais familiares, dando também a ideia do educador estar mais próximo da realidade do aluno, que já vem para a escola conhecendo novas tecnologias, com novas formas de construir o conhecimento e com novas linguagens, por isso, para o professor, esses recursos tecnológicos são uma forma de facilitar o processo de aprendizagem.

Amadeu (2016), ressalta a importância da cultura digital em nossa sociedade:

“A cultura digital é a cultura em rede, a cibercultura que sintetiza a relação entre sociedade contemporânea e Tecnologias da Informação (TI's). Ao mesmo tempo em que a cultura digital abriga pequenas totalidades e seus significados, mantém-se desprovida de fluxos, de conhecimentos e de criações, que dá corpo e identidade às organizações que delas se constituem. (AMADEU, 2016, p.20).”

A sociedade do século XXI caracterizou--se em um cenário no qual as instituições sociais, principalmente a família, vivenciam mudanças pelo uso das tecnologias digitais. Dentro do núcleo familiar, desde o nascimento, o ser humano já tem contato com as redes sociais digitais, através primeiramente de seus pais e futuramente por meio de vídeos e influências digitais trazidas pela mídia. São digitais por natureza e entram assim na escola.

O uso de recursos como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem em práticas educativas é de necessidade urgente dentro dos espaços educacionais, e geralmente, acontecem sob dois enfoques: para conhecer os alunos, sua linguagem e como recurso didático-metodológico. A inserção

dessas ferramentas em nosso fazer pedagógico possibilita a intervenção e mediação no trabalho pedagógico, bem como a descoberta de novos espaços relacionados ao processo de socialização dos jovens.

Souza (2001), destaca que:

“Desse modo, é de se esperar que a escola, tenha que “se reinventar”, se desejar sobreviver como instituição educacional. É essencial que o professor se aproprie de gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes possam ser sistematizadas em sua prática pedagógica. A aplicação e mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças. (SOUZA, et. al., 2011, p.20).”

Pesquisas recentes apontam que sujeitos frente a recursos gráficos existentes no computador e softwares educativos aderem facilmente à escrita e rabiscos virtuais. Assim, a escrita digital colabora bastante para o letramento.

Nessa visão, o hipertexto, texto digital que tem a dimensão que o leitor lhe der, interliga informações numa espécie de teia, semelhante ao processo com que a mente opera, apresenta-se como uma boa opção para trabalho de letramento na internet.

Aparecem, assim, diversas estratégias, por exemplo, para trabalhar com produção textual na sala de aula, com a criação de Instagram, blogs, grupos no Facebook, construindo antes os tópicos que deverão ser explorados.

Surge então, a possibilidade de trabalhar o letramento digital tendo como referência as redes sociais digitais que precisam de uma escrita correta, pois os reflexos do que se digita na rede, influenciam a escrita formal quando esta é necessária.

## **II-Justificativa:**

O projeto apresenta-se de grande importância para o curso de Cognição e Linguagem porque com o uso frequente das redes sociais digitais, faz-se necessário também o letramento digital das crianças e jovens nativos digitais que usam com frequência a rede on-line.

A internet atinge cada vez mais o sistema educacional e a escola, enquanto instituição social é convocada a atender de modo satisfatório as exigências da modernidade tendo como papel principal propiciar esses conhecimentos e habilidades necessários ao educando para que ele exerça integralmente a sua cidadania, construindo assim uma relação do homem com a natureza e a sociedade. As redes on-line são utilizadas para romper as barreiras impostas pelas paredes das escolas, tornando possível ao professor e ao aluno conhecer e lidar com um mundo diferente a partir de culturas e realidades ainda desconhecidas, a partir de trocas de experiências e de trabalhos colaborativos.

O presente trabalho contribuirá ainda para o aprofundamento com relação ao tema para os docentes e futuros profissionais em relação a utilização das Novas Tecnologias de Ensino como: Redes Sociais Digitais, Ambientes Virtuais de Aprendizagem, Markerspaces, Tecnologias de Aprendizagens Adaptativas, Gamificação, Ambientes colaborativos e Aprendizado por competências. As NTICs tornarão as aulas mais atrativas e dinâmicas, não só pela utilização de ferramentas e programas como facilitadores, mas também porque elas permitirão que os alunos possam ter mais autonomia ao aprender.

Além de propiciar um aprendizado prazeroso, o educador precisa avaliar o papel das novas tecnologias aplicadas à educação e pensar que educar utilizando as tecnologias e principalmente a internet, com as redes sociais digitais, é um grande desafio que até o momento, ainda tem sido encarado de forma superficial por muitos, apenas com adaptações e mudanças pouco significativas. Por esse motivo, utilizar estratégias inovadoras num mundo contemporâneo, através dos artefatos tecnológicos, possibilita um mergulho num espaço pluricultural, que pode e deve ter um conteúdo mais significativo

com letramento digital e leitura de qualidade frente às novas tecnologias de ensino.

### **III - Objetivos:**

- Ressaltar como formar alunos leitores numa sociedade líquida frente às Novas Tecnologias de Ensino e o constante uso das redes sociais digitais,
- Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais;
- Explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes redes sociais digitais identificando a participação dos nativos digitais na vida social;
- Destacar ferramentas e tecnologias para tornar o estudo e a escrita mais atrativo e motivador;
- Compreender e utilizar Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias.

### **IV- Metodologia:**

A metodologia utilizada neste pré-projeto será uma pesquisa quanti-qualitativa em escolas públicas e privadas do Município de Campos dos Goytacazes que permitirá observar o comportamento de crianças e jovens com hábitos de leitura e a sua relação com a cognição e linguagem.

Para a construção e elaboração deste projeto, iremos realizar um levantamento bibliográfico com diferentes autores, de forma a examinar a tecnologia e educação, o computador na educação, capacitação dos professores para a utilização das novas tecnologias e também a observação do comportamento de alunos nas redes sociais digitais.

A presente pesquisa se caracterizará em sua maior parte, como uma pesquisa qualitativa a qual é essencialmente descritiva, visando o que as pessoas têm a dizer sobre o assunto, observando e explorando suas ideias para melhor entendimento do contexto que está sendo pesquisado.

Após um período de observação, serão aplicados questionários aos alunos e professores como forma de realizar um levantamento de quais recursos são utilizados para fazer leitura e quais tecnologias e redes sociais digitais são utilizadas por eles.

## **V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA, M. E.. Informática e formação de professores. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

AMADEU, S. Diversidade Digital e Cultura. 2016. Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/foruns\\_de\\_cultura/cultura\\_digital/artigos/index.php?p=27418&m](http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/cultura_digital/artigos/index.php?p=27418&m) Acesso em: 20/10/2018.

ARAÚJO, Júlio César. Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios / Júlio César Araújo (organizador). – Rio de Janeiro : Lucerna, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. De Michel Larud e Yara Frateschi. São Paulo, Hucitec, 1990.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. Trad. de Octavio Mendes Cajado.6.ed.São Paulo, Ática,1995.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BNCC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> Acesso em: 20/10/2018.

COCCO, Maria Fernandes; HAILER, Marco Antonio. Alfabetização: análise, linguagem e pensamento; um trabalho de linguagem numa proposta socioconstrutiva. São Paulo, FTD,1995.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em Processo. Trad. de Sara Cunha Lima e Marisa Paro.2.ed.São Paulo: Cortez, 1986.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. Trad. de Horácio Gonzáles et al.24.ed.São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, Emilia. TEBEROSKY, ANA. Psicogênese da língua escrita. Trad. de Diana Myrian Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. 4.ed.Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler; em três artigos que se completam.7.ed.São Paulo,Cortez/Campinas,Autores Associados,1984.

LAJOLO,Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática,1993.

LAJOLO,Marisa. ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira; história e histórias.5.ed.São Paulo: Ática,1991.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. Ci. Inf. v.30 n.1 Brasília jan./abr. 2001.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá. Papyrus, 2007.

PARO, Vitor Henrique. Eleição de Diretores: A escola pública experimenta a democracia. Campinas: Papyrus, 1996.

PRENSKY, Marc. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001). Tradução do artigo "Digital natives, digital immigrants", cedida por Roberta de Moraes Jesus de Souza: professora, tradutora e mestranda em educação pela UCG.

SANCHO, D. Os professores e sua formação. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1995.

SANDER, Benno. Administração da Educação no Brasil: genealogia do conhecimento. Brasília: Liber Livro, 2007.

SOUSA, R. P.; MOITA, F. M. C.; CARVALHO, A. B. G. Tecnologias digitais na educação. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

VYGOTSKY,L.S.Pensamento e linguagem. Trad. de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes,1993.